



KALIE CASSIDY

A
CANÇÃO
DAS
PROFUNDEZAS

Alt



KALIE CASSIDY

A
CANÇÃO
DAS
PROFUNDEZAS

Tradução
Helen Pandolfi





© KALIE CASSIDY

KALIE CASSIDY

nasceu e cresceu no sul da Califórnia, nos Estados Unidos, e passou mais de uma década trabalhando em Los Angeles como atriz profissional de teatro, coach e professora de atuação. Atualmente, ela mora em Cleveland, Ohio, com sua família e um animado golden retriever.

SUMÁRIO

[Pular sumário \[»»\].](#)

[Dedcatória](#)

[Nota da autora](#)

[Parte I - A montanha](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[Parte II - A superfície](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

18

19

20

21

22

23

24

25

Parte III - As profundezas

26

27

28

29

30

31

Agradecimentos

Créditos

*Para aqueles que buscam um lar.
Que você o encontre e, quando o encontrar, que seja seguro e acolhedor.*

NOTA DA AUTORA

A canção das profundezas é uma história sobre pertencimento, amor e identidade. No entanto, embora explore esses temas com leveza, também traz imagens sombrias, que podem ser difíceis para alguns leitores, incluindo horror corporal e abuso. A lista completa com os avisos de conteúdo e de gatilho pode ser encontrada no site, em inglês, www.kaliecassidybooks.com.



Lá embaixo, nas profundezas da água, ela espera.
Eu acordo, e ela se esvai. Eu durmo, e ela emerge.
Presas a um corpo em decomposição, um poder antigo e familiar
corre em suas veias.
Ela é a mão com garras que vasculha as ondas.
O punho cerrado em meu ventre.
Sempre presente na água. Sempre presente em meus sonhos.
Ela é *anseio*, e eu a conheço bem.





PARTE I
A MONTANHA

O ar ficara pesado com o cheiro do mar. Eu praticamente conseguia sentir o gosto do sal, serpenteando como um tentáculo pela sala quente do trono.

Aquilo me encheu de um tipo inquietante de pavor.

Os convidados entravam pelo saguão, e o som dos risos e o burburinho das conversas ricocheteavam no mármore. Eu, por outro lado, fiquei pelos cantos, perto das paredes brancas feito osso. Sempre fui boa em manter a distância. Passei a vida toda ignorando o chamado do mar, apenas para vê-lo se esgueirar pelas defesas do Forte Linum e chegar até mim, como um clandestino traiçoeiro, por meio das sedas e lãs sofisticadas dos convidados vindos de longe.

— Imogen?

Agatha surgiu ao meu lado, me encarando com um olhar atento e preocupado.

Ela tinha a mesma aparência que tivera na adolescência, quando era minha governanta e eu, uma criança de seis anos. Agatha transparecia uma jovialidade impressionante: pele marrom de tons cálidos e cachos brilhosos e escuros como tinta. Não havia nem mesmo o mais leve sinal de rugas ao redor dos olhos, talvez porque fosse preciso sorrir com frequência para que aparecessem.

— O que foi? — perguntou. — Você está pálida.

— É o vestido. — Toquei meu esterno e senti começar uma vibração profunda. — Está apertado demais. Pode afrouxar um pouco as fitas?

Ela ficou visivelmente frustrada.

— São muito curtas. Não entendo por que você aceitou usar essa coisa horrível. — Ela ajeitou o babado em um dos meus ombros, balançando a cabeça. — Tampouco por que aceitou se casar com um homem que trabalha caçando e matando...

— Agatha, por favor. — Continuei atenta ao ambiente e às mesas repletas de comida, velas bruxuleantes e taças de vinho. — Agora não é o

momento.

— Quando, então? O casamento é daqui a dois dias.

— Sim, estou ciente. — Quando me virei, encontrei no olhar de Agatha um desespero que fez meu estômago revirar. — Você sabe que não tive escolha.

Tensa, ela deu uma conferida na sala do trono, depois chegou mais perto.

— Podemos ir embora — sussurrou. — Devíamos ter feito isso há anos. Talvez exista uma forma de...

Eu peguei sua mão e a puxei ao redor da mesa principal, para um canto escondido e escuro.

— Agatha, já chega. — Seus olhos castanhos estavam arregalados e alertas, brilhantes feito madeira polida. — Por favor. Eu lhe imploro, pare de me culpar por tentar ver o lado bom dessa situação. Eu fiz bem em me manter a salvo aqui, não acha? E vou permanecer assim. É o que preciso fazer.

Ela deixou os ombros caírem, decepcionada, mas sua voz era cortante.

— Se esse casamento e toda a infelicidade que vier com ele não servirem para fazer você perceber que não pertence a este lugar... me parece que nada mais servirá.

Queria erguer a cabeça e parecer firme, queria que Agatha me achasse tão corajosa e decidida quanto ela. Mas eu não era nada disso.

— Isso é injusto da sua parte — respondi, em tom manso e derrotado. — Para onde eu iria?

Ela levantou as mãos, exasperada.

— Bom, acho que nunca vamos saber, não é?

Um buraco horrendo se abriu no meu estômago. Era o início da tarde, e a festa de noivado ainda demoraria um pouco para começar. Olhei em volta procurando pelo meu noivo, mas ele não estava em lugar nenhum. O rei Nemea também não. Mais convidados chegavam, entrando aos poucos pelas imponentes portas da sala do trono aos risos e cochichos. Com eles, mais e mais lufadas de ar salgado. Minha respiração começou a ficar acelerada e ofegante.

— Já volto.

Agatha segurou minha mão com força.

— Me desculpe. Eu só quero que você...

Balancei a cabeça.

— Eu sei. Estou bem, só preciso de um pouco de ar.

— Eu vou junto.

Mesmo à pouca luz, pude ver como Agatha estava aborrecida, como seu corpo franzino estava tenso, e o buraco no meu peito só aumentou. Eu estava, em muitos sentidos, de mãos atadas, mas o que mais me magoava era ver toda a dor que minha fraqueza causava a Agatha.

— Não. — Apertei a mão dela. — Invente uma desculpa se alguém perceber minha ausência. Não vou demorar.

Eu me afastei antes que ela tivesse tempo de protestar e cruzei as portas altas de carvalho, passando pelo aglomerado de visitantes. Não conseguia me lembrar da última vez em que o Forte Linum estivera tão cheio de gente.

Fui até o pátio e subi pelo caminho estreito e sinuoso que dava no parapeito do forte. Milagrosamente, o ar do lado de fora estava fresco e puro, nada de sal vindo do mar.

A agitação em meu peito cessou no mesmo instante. Minha saia ampla roçava as paredes e algumas contas ficavam enroscadas, mas segui em frente. Meu lugar favorito em todo o Forte Linum, o que tinha a melhor vista para o mar, ficava no final das ameias e depois de uma escada íngreme. Quando finalmente cheguei, estava ofegante.

Ajeitando o corpete, tracei a borda fina e cinzenta da praia ao norte à distância. Num mapa, a Ilha de Seraf parecia uma mandíbula monstruosa projetando-se das águas de Leucosia, com picos irregulares e vales profundos. E ali, no cume mais alto, o rei Nemea construía seu forte com as próprias mãos, esculpindo-o na rocha, encaixando-o nos dentes tortos da ilha como um pedaço duro de carne enroscado na gengiva.

Tentei espantar a ansiedade respirando fundo, mas meus olhos começaram a arder. Era inexplicável como eu me sentia igualmente preenchida de medo e de expectativa em relação ao meu casamento, como eu temia o que poderia acontecer e torcia pelo melhor ao mesmo tempo. Bati na parede com a palma da mão.

— Malditos deuses.

— Parece que a festa já começou, então?

A voz grave e rouca me causou um sobressalto. Girei em direção ao lado oposto do mirante curvo e me deparei com uma silhueta alta de um

homem encostado na parede do forte. Ele vestia uma camisa branca por dentro das calças e botas pretas polidas, que brilhavam de maneira impressionante. Sem dúvida era um dos muitos convidados recém-chegados que agora abarrotavam o forte. Parecia ter aproveitado a rara oportunidade de sair bisbilhotando por aí, vendo o que a Ilha de Seraf e seu rei detestável e recluso tinham se tornado nas últimas décadas.

Ajeitei a saia e fiz uma careta.

— A atitude mais cortês teria sido anunciar sua presença quando cheguei.

O homem concordou com um aceno de cabeça. Franzindo as sobrancelhas, seu olhar recaiu sobre o exagero de babados em seda vermelha no meu decote e sobre as contas de vidro pesadas, vermelhas como sangue — a cor do rei —, costuradas em meu corpete. O vestido era extravagante e cafona e, ao examiná-lo, um sorriso torto e debochado surgiu em seu rosto.

— Por incrível que pareça, não notei você imediatamente.

Meu humor estava no limite e eu queria arrancar aquele sorriso presunçoso da boca dele. Fiz uma careta.

— Como o senhor se atreve a rir de mim?

Ele arregalou os olhos em surpresa.

— Eu não estava...

— Ah, por favor — interrompi. — Eu queria ficar sozinha, mas cada centímetro deste lugar está repleto de pessoas grosseiras, inclusive este parapeito.

Ele abriu a boca e depois fechou, optando por simplesmente me encarar por um longo momento, estupefato.

— Bem... — O homem se aproximou e estreitou os olhos, fechando o rosto. — Já que nós dois queríamos ficar sozinhos, talvez pudéssemos ficar sozinhos juntos. Mas estou vendo que você talvez não esteja disposta a dividir.

Sustentei o olhar que ele me dirigiu. Ele me lembrava do verão. A pele marrom tinha tons dourados e a cor dos olhos era como a de folhas escuras. O vento despenteara seus cabelos escuros, que agora caíam sobre sua testa franzida. Ele era majestoso, imponente e aprumado, de postura altiva e gracioso, mas a maneira como me olhava com o nariz levemente torto foi o que me fez ter certeza de que era de origem nobre. Eu queria

muito dizer *não*, pelo simples fato de que ele não parecia acostumado a ouvir aquela palavra, mas algo me impediu.

— Podemos dividir o parapeito — respondi por fim —, mas só se prometer não rir desse vestido ridículo outra vez.

Um segundo se passou. Depois outro. Então sua cara de poucos amigos se transformou em um sorriso que revelou uma covinha na bochecha esquerda.

— Vai ser difícil.

Achei graça no atrevimento. Meus ombros relaxaram.

— Peça desculpas — disse ele, sério de novo, levantando as mãos como se estivesse se rendendo. — Só estou aliviado por você estar ciente de que o vestido é... notável.

— É claro. — Agitei a saia em um gesto depreciativo. — É impossível passar despercebida assim.

Ele abriu outro sorriso com uma covinha e apoiou os cotovelos sobre as ameias, admirando a paisagem. Então veio um longo silêncio.

— E por que fugiu da festa? É estranho ter viajado tanto para depois ficar escondido.

Ele tensionou a mandíbula.

— Este forte... não é um lugar agradável. — Sua voz grave se tornou sombria, apreensiva. Ele forçou um sorriso sem graça. — E o vinho é uma porcaria. E quanto a você?

Prestei atenção nos ângulos delineados do perfil dele. Havia algo de convidativo que me fez querer contar a verdade. Em vez disso, porém, eu disse:

— Estou tentando fugir do vinho, é claro. A dor de cabeça e a azia são certas quando se bebe muito.

— Não faria isso nem se me pagassem.

Ficamos lado a lado, observando os picos das montanhas e os ciprestes retorcidos que iam até a faixa cintilante do mar.

— A vista é bonita — disse ele, mais baixo.

— É. — Era infinita e arrebatadora, e fazia com que eu me sentisse muito pequena. — Mas acho que não foi por isso que Nemea construiu um forte tão alto.

O homem emitiu um grunhido contrariado quando mencionei o rei Nemea e, com o humor subitamente amargo, virou-se para apoiar as costas

no parapeito.

— Pelo visto não gosta dele — falei.

Poucos gostavam.

Ele me lançou um olhar de soslaio e o desviou depressa.

— Ouvi boatos de que este forte é alto assim para que o rei atirasse pessoas pelas janelas com a certeza de que não sobreviveriam.

Soltei um riso taciturno e respirei fundo. Quando o assunto era crueldade, a criatividade de Nemea ia muito além de simplesmente atirar indivíduos pelas janelas do forte.

— Um boato e tanto. E você acreditou?

A forma como sua atenção pairou sobre mim me fez paralisar. Ele me observou como se estivesse registrando todas as minhas características, como se procurasse algo nelas. Por fim, com uma voz que ecoava como as tempestades no vale, respondeu:

— Acho que uma pessoa só moraria em um lugar tão alto e tão afastado do resto do mundo se tivesse algo a temer ou esconder.

Prendi a respiração e olhei de novo para o mar, piscando forte quando meus olhos começaram a arder. Eu estava me sentindo completamente exposta.

— Ah.

— Eu disse algo que incomodou você?

— Não, de forma alguma. — Segurei minha saia e me virei em direção às escadas. — Com licença.

— Espere. — Ele se aproximou com um passo firme, erguendo a mão em um gesto gentil. — Você precisa de ajuda?

A seriedade de seu semblante embrulhou meu estômago.

— Por acaso parece que preciso?

— Sim — respondeu ele, determinado, completamente alheio à minha mudança de humor. — Você tem lágrimas nos olhos.

Ele me observava com uma expressão incisiva, como se eu fosse transparente feito água. Abri a boca para responder, embora não soubesse exatamente o quê, mas ele se apressou em dizer:

— A entrada e os corredores estão lotados de convidados doidos por uma fofoca. Como dito anteriormente, você... — Ele me olhou da cabeça aos pés. — Bom, você está chamando a atenção com esse vestido. Seria prudente esperar um pouco antes de descer.

Aquela cautela me surpreendeu. Algo nele me fazia querer ceder. Talvez fosse o fato de eu não sentir nenhuma maldade ou impaciência no que dizia. Nada além de firmeza, algo estável e imutável que me fez querer ficar. Ficamos parados no topo da escada, olhando um para o outro.

Então uma rajada de vento uivou pelos cantos do forte e agitou nossos cabelos. Eu recuei um passo.

— Obrigada pela conversa — agradei abruptamente. — Divirta-se admirando os horrores de Seraf, senhor. — Comecei a descer as escadas. — São tão abundantes quanto o vinho barato.

Quando voltei, a sala do trono parecia prestes a explodir. Tudo transbordava: a música, as pessoas e aquele estranho ar salgado.

Agatha apareceu ao meu lado e entrelaçou o braço no meu. Ela respirou fundo e estremeceu.

— Sorte a sua não estar conseguindo respirar — disse ela.

Soltei um grunhido de reprovação. A conversa no parapeito surgia em minha mente e a sensação incômoda em meu peito retornava.

— Quero um pouco de vinho.

— Está pior do que o normal. — Agatha tomou um gole de sua taça já pela metade e fez uma careta.

— Então vou beber rápido.

Fui em direção à mesa de bebidas, passando por convidados que cochichavam. Virei a taça e tentei puxar o ar, o que resultou em uma careta de Agatha.

— Nemea mandou fazerem o vestido apertado assim por uma razão.

O humor dela não tinha melhorado nem um pouco.

Tomei mais um gole.

— É, eu sei.

Eu já tinha deduzido que Nemea planejava que meu vestido fosse pesado e apertado como um grilhão. Caro e extravagante, para que a soberania do rei ficasse evidente para os convidados, para que me olhassem com atenção enquanto eu era obrigada a disfarçar minha dor. Nemea queria que o vestido fosse um lembrete de que, mesmo com o casamento, eu ainda estaria sob seu controle.

— Espero que você arranje alguém para dançar. — Tentei gentilmente mudar de assunto. — Sei que você gosta. Minha situação não deveria estragar a música.

— Não é tão simples assim — respondeu ela.

Fiquei olhando o primeiro dançarino rodopiar, permitindo que a vibração do tambor e do alaúde abafassem o sentimento em meu peito.

— E como foi o jantar com seu amado capitão ontem à noite? — perguntou Agatha em tom de sarcasmo. — Seu futuro marido é o que imaginávamos?

Imaginamos que ele seria desinteressante e ríspido, mas, para minha surpresa, não foi nada disso. Fiquei aturdida com sua inteligência. Ele foi educado e atencioso e me deu um beijo delicado antes de ir embora, com os dedos firmes em minha mandíbula.

— Foi bom. Ele é agradável.

O olhar de Agatha foi como uma rasteira.

— *Agradável.*

Senti um nó na garganta.

— Eu... Eu quis dizer que... Só quis dizer que não fiquei com medo.

Uma mulher ao meu lado exclamou em espanto e apontou para as imensas portas de carvalho da sala do trono. Ela não foi a primeira a fazer isso. Muitas jovens já tinham ficado em êxtase, apoiando-se em seus amigos ou acompanhantes ao se deparar com as asas da Sirena no teto em contraste com a parede clara. As penas largas estavam bem esticadas, e parafusos atravessavam seus ossos para fixá-la à placa de madeira. A luz dourada e suave das velas não fazia jus à profusão de cores na plumagem escura das asas — o feixe azul e verde iridescente próximo à base, o roxo que circundava a borda —, mas eu a conhecia de cor. Dirigi o olhar para a inscrição no mármore abaixo dela.

O MONSTRO SEMPRE É DERROTADO.

O lema era a raiz da crueldade do rei Nemea e a razão pela qual os outros governantes do arquipélago o abominavam. Por isso todas aquelas pessoas tinham navegado por dias, enfrentando mares traiçoeiros, para visitar uma ilha miserável e praticamente estéril. O rei Nemea passara

décadas arruinando toda a benevolência a ele reservada graças à prática hedionda de caçar Sirenas divinas.

Eu e Agatha nos afastamos do grupo de jovens, cujos olhos me encontraram e me estudaram com condescendência. Nemea tivera êxito em me transformar em um espetáculo. Nós nos posicionamos perto do estrado, onde o rei Nemea conversava com a rainha dos reinos unidos de Della e Gos. Ele era alto, o abdômen era proeminente e seus cabelos pretos e volumosos com mechas grisalhas contrastavam com a pele clara. O sorriso em seu rosto fino e geralmente carrancudo provocava estranheza enquanto ele gesticulava orgulhosamente e dava palmadinhas no próprio peito. O casaco vermelho-escuro de botões de rubi parecia sofisticado demais para suas feições grosseiras.

— Ele está exultante — comentou Agatha, com uma careta de ódio enquanto o encarava.

— Não sei como você tem coragem de olhar para ele com desafeição tão escancarada. — Puxei o corpete com um gemido sutil de desconforto. — Não tem medo de que ele perceba?

— Não consigo olhar para ele de outra forma. Meu rosto não permite. — Ela arriscou um sorriso torto que não contribuiu em nada para fazê-la parecer menos descontente. — Já volto — avisou ela. — Vou pegar mais um pouco do vinho horroroso de Nemea.

Fiquei perto do estrado do trono, iluminada pela luz bruxuleante de meia dúzia de candelabros. Os convidados pareciam reluzir, despreocupados e corados de tanto beber, dançar e rir. Ninguém pareceu notar que os soldados do escalão mais alto do rei Nemea transitavam em meio aos presentes, discretos como a morte, munidos de armaduras pretas como a noite. Prestei atenção em cada um deles à procura do capitão, meu noivo. À luz de velas, o anel que ele me dera parecia aprisionar as chamas em seus ângulos.

A pedra de espinélio tinha o mesmo tom cinza do mar durante uma tempestade. Não se encontrava esse mineral no arquipélago leucosiano. Os espinélios eram extraídos apenas no continente setentrional de Obelia, e nenhum capitão de qualquer que fosse o reino conseguiria bancar uma pedra como aquela. Só me restava presumir que o anel fora mais uma providência de Nemea.

Girei o anel com o polegar. Era uma algema rara e de valor elevado. E eu estava presa, sim, mas o mais importante é que estava a salvo. Na montanha do rei Nemea, minha mente não se perdia tanto em buracos obscuros, em devaneios que envolviam carne despedaçada, água escura e rios de sangue que tentavam me engolir. Eu conseguia viver em paz ali, e estava disposta a fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para que as coisas permanecessem assim.

O rei Nemea subiu no estrado. A mesa principal estava soterrada com presentes tradicionais dos reinos vizinhos, coberta por um caminho de seda vermelha bordado com enguias escuras retorcidas. Um presente de Della e Gos, deduzi, que eram famosos por seus bichos-da-seda. Flores cor de sangue estavam dispostas em arranjos grandiosos, provavelmente presentes de Varya. Nemea segurava um cálice de prata novo, cravejado de rubis.

— Não fique zanzando pelas beiradas, Imogen — disse ele, sem nem sequer olhar para mim. — Venha.

Tomando cuidado com as camadas de saia do meu vestido, subi os degraus e parei ao lado de Nemea. Ele pegou minhas mãos e levantou meus braços, observando os detalhes da minha roupa com aqueles olhos cinzentos e impassíveis. Os grampos em meus cabelos, os rubis pesados pendurados nos lóbulos macios de minhas orelhas.

— O vestido caiu como uma luva — disse ele, mordaz.

— Sim, Majestade. — Abri um sorriso frouxo.

Ele estendeu a mão grosseiramente e puxou um cacho escuro que estava caído sobre meu ombro.

— O que é isso?

— Meu cabelo, Majestade?

— Devia estar preso. — Seu olhar, que já era frio, tornou-se uma pedra de gelo. — Como instruí.

Ele não instruíra. Mesmo assim, me curvei em uma reverência baixa.

— É claro. Eu posso...

Mas ele me interrompeu com um aceno breve no ar que conseguiu ser desdenhoso e humilhante ao mesmo tempo.

— Vai servir. — O rei olhou para a reluzente sala do trono, cheia de convidados. — É uma beleza, não acha?

— Sim.

— E você...

Ele tocou minha bochecha com delicadeza, e eu fiquei imóvel como se minha vida dependesse disso. O rei nunca tinha me batido, mas notei quando ele flexionou a mão, como se estivesse contendo a vontade de fazê-lo. Eu já estava familiarizada com a forma como sua voz mansa explodia do nada, já sabia que podia facilmente ordenar que me trancassem sozinha por uma semana.

— Está feliz? — questionou ele.

Hesitei diante da pergunta inesperada.

— Estou. Como poderia não estar?

— Precisamente. O vestido, o banquete... Tudo isso é mais do que você merece.

— Sim, Vossa Majestade.

Seu olhar parou em alguém do outro lado da sala, e foi como se um raio o atingisse. Ele me pegou pelo punho e me arrastou para fora do estrado.

— Imagino que os deveres de um rei não costumam ocupar sua mente com frequência, não é?

— Com frequência, não, Majestade. — Meus pés mal conseguiam acompanhá-lo enquanto ele nos conduzia depressa em meio à multidão. — Mas já pensei sobre isso.

— E o que acha? — A música ficou mais alta. O som das cordas e dos tambores, que ressoavam como a batida de um coração, encheram meus ouvidos. Todos se dirigiam para o centro do salão, onde a próxima dança estava para começar. — O que acha da ideia de *dever*? Acha que é algo que se alcança despindo-se de fragmentos de si mesmo, ou crescendo, acumulando, de modo a estar preparado para fazer o que quer que seja necessário quando for a hora?

— Sua Majestade, não entendo o que quer dizer. Talvez as duas coisas?

Paramos de repente diante de uma parede de soldados de armadura dourada — seis deles —, parados ali, imóveis, imponentes com as videiras floridas esculpidas na região do peitoral e do antebraço da armadura.

— Theodore Ariti — rosnou Nemea.

— Olá, Nemea — souou uma voz amarga de trás dos soldados.

Eu a reconheci, rouca e grave. A parede de guardas se abriu e lá estava o homem do parapeito. Ele tinha o semblante fechado e parecia ainda mais impressionante trajando uma bela capa verde. Nos cabelos escuros e

ondulados repousava uma coroa dourada de louro trançado. Quando olhou em minha direção, seus olhos se arregalaram.

Desviei o rosto depressa, sentindo minhas bochechas ficarem quentes enquanto me curvava diante do rei de Varya.

2

Minhas pernas tremeram quando me endireitei.

Eu sabia que o rei Theodore tinha vinte e sete anos, um a mais do que eu. Desde que ele assumira o trono sete anos antes, Nemea não tinha parado de reclamar. O “reizinho”, como ainda o chamava, era altivo demais, bondoso demais, amado e honrado demais para ser um governante digno de seu respeito.

— Trouxe a noiva para conhecer você. — A voz de Nemea era cortante. — Esta é a lady Imogen Nel, minha protegida. Estávamos falando sobre deveres reais agora mesmo. Ela adoraria ouvir o que pensa sobre o assunto enquanto a conduz para uma dança.

O olhar carregado do rei Theodore permaneceu fixo em meu rosto por um instante, depois ele olhou de soslaio para Nemea.

— Certamente, Nemea. Ela quer falar sobre deveres reais? Se a dança for longa o bastante, vamos ter tempo para discutir o fato de que você não os cumpre.

Fiquei espantada com a ousadia. Ele não se deu ao trabalho de pisar em ovos com Nemea como a corte fazia — como *eu* fazia. Antes mesmo de Nemea ter tempo de responder, o rei Theodore estendeu a mão e, constrangida, imitei o gesto. Seus calos eram ásperos, mas seu toque era cálido e gentil. Minha mente estava a mil por hora com a lembrança de nossa interação na vigia. Eu tinha ficado emotiva, disse coisas desdenhosas e indelicadas. Quando o rei Theodore me conduziu para longe, senti o olhar opressivo de Nemea me atravessar como uma lâmina. A intenção era óbvia. Ele queria que eu o encantasse, que eu o apaziguasse.

— Peço perdão, Majestade — disse, a voz baixa. — Eu não sabia com quem estava falando. Do contrário, jamais teria sido tão coloquial...

— Onde está seu noivo, lady Imogen? — interrompeu ele, ignorando completamente meu pedido de desculpas.

— Eu... — Engoli em seco, tentando firmar a voz. — Não sei ao certo. Talvez o capitão tenha dado para trás e esteja se escondendo, ensaiando para implorar à Sua Majestade que o libere de nosso noivado.

— Esse capitão é um idiota, além de assassino?

As palavras me pegaram de surpresa e eu não sabia se deveria me sentir lisonjeada ou com vergonha. Tensos e em silêncio, nós nos posicionamos no salão. O rei Theodore me olhava fixamente, mas eu concentrei minha atenção no teto, nas asas solitárias de Sirena que pendia de cima.

Uma melodia agitada encheu o ar. A ideia de ter aquela dança interminável com ele me fez forçar um sorriso. Me esforcei para falar mais alto do que a música, mais uma vez tentando ser encantadora.

— Sua presença é uma honra, Majestade. Sei que fez uma longa viagem para estar aqui.

Ele colocou a mão em minha cintura e começou a dar passos ágeis.

— Eu não poderia perder a oportunidade de admirar os horrores de Seraf, não é? — disse ele, atento à minha reação. Mordi a língua. — Eu conheço Agatha, sua criada. — O rei fez um gesto em direção ao outro lado da sala, onde ela estava parada observando o mar de pessoas com uma taça em mãos. — Fiquei surpreso ao vê-la aqui, de todos os lugares em que poderia estar.

O desprezo dele ficou nítido ao pronunciar a palavra *aqui*, pela rispidez em sua fala.

— Eu não sabia que vocês se conheciam. — Era difícil imaginar que Agatha tivera uma vida antes de entrar na minha. — De onde?

— Ela foi minha governanta. Por um tempo.

— Minha também. — Agatha provavelmente estivera em Varya antes de vir para Seraf. — Ela também ralhava com você por ultrapassar os limites da linha ao escrever?

— Não — respondeu ele com perfeita austeridade. — Eu nunca ultrapassei a linha.

— Ah. — Senti falta da gentileza e da afabilidade que ele demonstrara antes. — Entendo.

Os passos da dança eram rápidos e cheios de giros. Passei por baixo do braço do rei Theodore, saltei e rodopiei, mal conseguindo respirar por causa do vestido apertado, firme como um punho fechado ao redor das minhas costelas. Depois fiquei de frente para ele e demos as mãos, mas a

dele não se fechou em torno da minha para segurá-la. Ele parou no meio do gesto.

— Algum problema, Majestade? — perguntei, estremeendo ao sentir uma pontada na lateral do corpo.

— Sim. — Ele tinha uma expressão severa, olhando para mim com olhos semicerrados. — Você não está conseguindo respirar.

— Por favor, vamos continuar dançando. — Olhei em volta, arfando, temendo causar problemas e irritar Nemea. — Estou perfeitamente bem.

— Você está ofegante como um cachorro.

Eu não sabia se ele estava incomodado ou preocupado.

— Por favor — implorei —, não quero atrapalhar a dança. Estou bem. Obrigada.

Ele me encarou por um instante, ainda estreitando os olhos, e então retomou os passos, embora em um ritmo mais lento. Nós nos entrelaçamos com os outros pares, mantendo o ritmo da música, mas fora do ritmo do resto do salão. Estávamos tão próximos um do outro quanto minha saia permitia.

— O que está fazendo? — sussurrei.

— Estou deixando você recuperar o fôlego.

— Eu disse que estou bem. — O pânico tomou conta das minhas palavras. De canto do olho, vi que Nemea nos observava com o rosto vermelho de raiva.

— Foi Nemea quem fez você usar esse vestido ridículo? — perguntou ele, em um tom de voz grave e macio que fez com que eu me arrepiasse.

Olhei de relance para meu corpete.

— Foi um presente — expliquei, resoluta. — Ele queria que a noite fosse perfeita e mandou que o fizessem especialmente para a ocasião.

— Inacreditável.

— O quê?

— Até mesmo os presentes de Nemea são cruéis.

A música começou a desacelerar, uma nota após a outra. As risadas dos convidados ressoavam em meus ouvidos e o rei Theodore, de maneira azucrinante, mantinha a lentidão dos nossos passos, me conduzindo com facilidade por entre os pares que dançavam ao nosso redor. Mantive o rosto impassível, com os olhos fixos em algum ponto além de seu ombro.

Ele se afastou ligeiramente e inclinou a cabeça.

— Você me parece familiar.

Havia um tom questionador nas palavras dele.

— Eu? Talvez tenha sido nossa conversa anterior.

Ele balançou a cabeça.

— Não. É alguma outra coisa.

O rei continuou olhando para mim, assim como fizera no parapeito, atento.

— Eu garanto que nunca nos vimos antes de hoje. Eu nasci aqui. Nunca saí de Seraf. Quando fiquei órfã, o rei Nemea generosamente me acolheu como sua protegida.

Theodore deu uma risada irônica.

— E por que ele faria isso?

Apertei os lábios, hesitando em dizer a verdade: que minha família fora rica e que minha herança era o que mantinha o reino do rei Nemea.

— Terá que perguntar a ele.

— Prefiro não falar com o sujeito, então vou ter que adivinhar. — Eu já tinha recuperado o fôlego, mas o rei Theodore continuava conduzindo a dança com uma lentidão de dar nos nervos. — Você é uma folha de hortelã em uma boca de dentes podres. O bálsamo que acalma o açoite de crueldade de Nemea. Por que outra razão ele faria você usar metade dos cristais do arquipélago se não para que pensem que tanto os cofres quanto o coração dele não têm limites? Ele acredita que assim não vão vê-lo como um ser repugnante, já que cuida de uma mulher tão adorável e encantadora como você.

Eu recuei e nem sequer me dei ao trabalho de disfarçar minha reação. Aquilo não era um elogio. Na verdade, aquelas palavras carregavam um desprezo tremendo. Me esforcei para abrir um sorriso doce e radiante apesar do aperto no peito.

— E você, Majestade, obviamente é sagaz demais para cair em tal estratégia. — Eu o encarei de volta com insolência. — Parece longe de estar encantado por mim.

Quando nos olhamos outra vez, ele parou de dançar e me encarou com espanto, levemente boquiaberto, depois soltou minha mão e minha cintura.

— Eu conheço você.

— O quê? — Olhei em volta depressa. — Por favor, você está atraindo olhares.

Ele balançou a cabeça em um gesto curto, mas seus olhos perspicazes continuaram observando os traços do meu rosto: o arco da minha sobrancelha, a curva do meu nariz e, mais abaixo, meus lábios e o contorno do meu queixo.

— O que foi? — perguntei, estendendo os braços à espera de que ele pegasse minha mão de novo. O rei Nemea havia se aproximado pelos cantos, com a cabeça inclinada em cisma. — Por favor, Majestade, você está chamando atenção.

O rei Theodore recuou um passo e uma jovem bateu nas costas dele ao rodopiar, mas nem mesmo isso o fez despertar da forma como me encarava. Por fim, ele saiu em direção aos guardas que trouxera, me deixando sozinha no meio do salão enquanto a música diminuía o ritmo até parar.

Então senti alguém cravando os dedos em meu braço e me arrastando para o lado com um puxão.

— O que foi que você disse? — interrogou o rei Nemea bruscamente, falando em meu ouvido.

— Eu não disse nada, Majestade. — Meu coração parecia prestes a sair pela boca. — Ele disse que me conhecia. Não faço ideia do que isso significa.

— Venha.

Nemea agarrou minha mão e me puxou em direção ao estrado do trono, me segurando com força enquanto avançava a passos largos e rígidos. O rei subiu os degraus e quase tropecei atrás dele, depois pegou sua taça cravejada de rubi e tomou um gole, enquanto eu sentia minha mão, esmagada pela dele, latejar.

— O que mais ele disse?

— Ele elogiou meu vestido. — Me esforcei para oferecer um olhar amistoso e para soar o mais grata possível, mas não ousei desvencilhar minha mão. — Depois elogiou o banquete, e fez elogios a mim também. Não tenho palavras para agradecê-lo por ter proporcionado uma celebração como esta a mim e ao capitão, Majestade.

Ele apertou minha mão ainda mais forte. O anel que o capitão Ianto tinha me dado afundou em minha carne.

— Não acha que tudo isso é para você, acha?

Balancei a cabeça de um lado para o outro, tentando evitar que minha expressão denunciasse a tristeza que estava sentindo.

— Não, Majestade, é claro que não. Apenas quis expressar minha gratidão. Como sabe, é muito mais do que mereço.

Ele grunhiu, ainda me segurando, e minhas juntas estalaram com o aperto. Sua voz, no entanto, era suave como o toque de uma pena.

— Você deveria tê-lo amolecido, Imogen. Deveria apaziguá-lo. A última coisa de que preciso é uma guerra com aquele imbecil petulante.

Algo úmido e pegajoso preencheu o espaço apertado entre meus dedos.

— Você está me machucando — sussurrei finalmente.

Mas Nemea não deu atenção. Ele olhava para o capitão Evander Ianto, que aparecera diante da plataforma ao mesmo tempo formidável e irremediavelmente desgrenhado. Ele segurava o elmo preto na lateral do quadril, tinha o cabelo cor de areia bagunçado pelo vento e a pele bronzeada estava úmida de suor.

— Aí está você! — exclamou Nemea.

O rei finalmente me soltou, e eu logo fechei a mão para esconder o sangue do ferimento que ele causara.

— Perdoe-me, Vossa Majestade — disse Evander com uma reverência. O gesto fez as bochechas dele corarem. Suas botas estavam sujas de areia molhada. — Eu me atrasei em Porto Helris. Os navios não paravam de chegar e meus homens precisaram de ajuda.

Nemea acenou com a cabeça em aprovação. O capitão dele era um excelente soldado.

— Leve-a. — Ele me dispensou com um aceno distraído.

Minha reverência foi profunda e respeitosa, aproveitando para mascarar qualquer dor que pudesse ter transparecido em meu rosto enquanto me curvava. Me aproximei dos degraus e, em vez de me ajudar a descer, Evander inclinou a cabeça para trás para olhar para mim. Ele não me olhava como Nemea, como se para avaliar se eu era suficiente, tampouco da maneira inquietante do rei de Varya: com assombro, circunspeção e sisudez. Não. O capitão me fitava com adoração solene e inusitada.

Eu me deleitei com seu olhar e o retribuí. Sempre o achei muito bonito com aqueles olhos cor de mel e as linhas de expressão que os rodeavam como raios de sol. Também adorava as sardas sutis na ponta de seu nariz e

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A canção das profundezas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).